



O que dizem os jornais sobre a Biodiversidade na Amazônia no início do século XXI¹

Maria Lúcia Sabaa Srur Morais²
Museu Paraense Emílio Goeldi³

Resumo

A partir da metodologia da Análise do Discurso, o estudo identifica os principais temas, atores sociais e discursos presentes na cobertura jornalística sobre Biodiversidade na Amazônia, a partir da análise de 94 textos publicados, na imprensa escrita, no período de 2000 a 2003. A pesquisa aponta os gestores públicos, as organizações não-governamentais e os pesquisadores como os atores sociais predominantes na cobertura. Já os temas mais recorrentes naquele período foram a proteção do meio ambiente e a pesquisa científica. A análise revela ainda existência de discursos centrados na exploração econômica da Biodiversidade e na gestão pública dos recursos naturais.

Palavras-chave

Comunicação; Biodiversidade; Amazônia.

Corpo do trabalho

Introdução

A construção simbólica do termo Biodiversidade na mídia foi o objeto principal deste estudo⁴ que identifica, a partir da análise da produção jornalística, a diversidade de temas, atores e discursos presentes na cobertura sobre a temática entre os anos de 2000 a 2003.

A pesquisa traz contribuições para o entendimento da prática jornalística e do processo de produção diária de notícias sobre um conceito essencial para a compreensão da Amazônia, uma das regiões mais importantes do planeta, pois revela os temas que estão no vértice da agenda da imprensa, além das principais fontes utilizadas no processo de produção de notícias. A análise da cobertura jornalística desvenda diferentes aspectos relacionados, principalmente, à proteção, à pesquisa e à exploração econômica da Biodiversidade, temas que despertam maior interesse das mídias impressas, gerando significativo número de textos no período em estudo. A análise identifica ainda os atores sociais mais frequentes no noticiário, investiga a atuação deles como “fontes” de informação e estabelece uma correlação com os discursos predominantes na cobertura.

¹ Trabalho apresentado ao GT Práticas Sociais de Comunicação, do VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte.

² Jornalista, formada pela Universidade Federal do Pará, bolsista do CNPq, processo nº 380.730 / 2005, dentro do Sub-Projeto: Temáticas Amazônicas – Dossiês Comentados e Qualidade da Informação sobre Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, realizado na Assessoria de Comunicação Social do Museu Paraense Emílio Goeldi. E-mail para contato: malumorais@hotmail.com

³ Localizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, o Museu Paraense Emílio Goeldi é a instituição científica mais antiga da Amazônia, com 140 anos de existência completados em 2006. Vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil, a instituição tem a missão de produzir e difundir conhecimentos e acervos sobre os sistemas naturais e socioculturais da Amazônia.

⁴ Realizado no período de fevereiro de 2005 a janeiro de 2006, na Assessoria de Comunicação Social do Museu Paraense Emílio Goeldi, o estudo faz parte do projeto “Temáticas Amazônicas: Dossiês Comentados e Qualidade da Informação sobre Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente”, que busca promover, junto à sociedade, o interesse por temas científicos a partir da socialização do conhecimento produzido pela instituição.



O estudo revela também que disputas e conflitos de ordem ambiental, econômica e geopolítica interferem de forma significativa na cobertura jornalística e no processo de construção do conceito de Biodiversidade, uma vez que também direcionam e definem a pauta de cobertura da imprensa. A transversalidade e o caráter dinâmico dos discursos também se evidenciam, além dos interesses econômicos e geopolíticos dos diversos atores envolvidos com a temática. A consolidação das organizações não-governamentais como fontes de informação, além da exclusão das populações tradicionais na cobertura jornalística sobre a Biodiversidade, são também aspectos marcantes revelados pela análise.

Metodologia

A pesquisa compreendeu a análise de 94 textos jornalísticos, entre artigos, matérias e editoriais, publicados no período de 2000 a 2003 em jornais, revistas e mídias eletrônicas. Inseridas no contexto amazônico, as notícias abordam diferentes aspectos relacionados ao conceito de Biodiversidade. Os textos integram o acervo da Base de Dados de Informações Jornalísticas sobre a Amazônia (BDIJAm)⁵, que trata e armazena material jornalístico produzido e selecionado pela Assessoria de Comunicação Social (ACS) do Museu Goeldi.

Os temas que mais pautaram a agenda jornalística sobre a Biodiversidade, na Amazônia, foram analisados a partir dos referenciais teóricos do *Newsmaking* e da hipótese da *Agenda-setting*, duas vertentes teóricas que discutem o processo de produção e veiculação de notícias na mídia. Já o estudo dos atores sociais está relacionado à outra importante etapa da produção jornalística, qual seja: a seleção, hierarquização e utilização dos atores como “fontes” de informação ou suportes na elaboração dos textos jornalísticos.

A Análise do Discurso é a metodologia empregada na identificação e análise dos principais discursos que nortearam a cobertura sobre a Biodiversidade. O estudo tem como referência os cientistas sociais Michel Foucault e Norman Fairclough.

Temas

A pesquisa revela que a cobertura jornalística sobre a Biodiversidade na Amazônia foi realizada a partir de seis grandes temas. A Proteção do Meio Ambiente (23 textos) e a Pesquisa Científica (22 textos) se revelaram os temas principais de mais de 50% das notícias publicadas sobre a Biodiversidade, dentro do universo em estudo. De acordo com os postulados teóricos da *Agenda-Setting* (WOLF, 1985, p. 135), podemos afirmar que os dois temas ocupam o “*vértice da agenda*” da imprensa escrita na cobertura jornalística sobre a Biodiversidade. Os outros temas identificados pela análise foram: a Exploração

⁵ Organizada pela Assessoria de Comunicação Social do Museu Paraense Emílio Goeldi, a Base de Dados de Informações Jornalísticas sobre a Amazônia (BDIJAm) reúne informações relativas à Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente da região, veiculadas nos jornais locais, em alguns dos principais veículos da imprensa nacional (diários e revistas de informação geral e especializadas em C&T e meio ambiente), bem como nos informativos institucionais de órgãos voltados para o campo científico e ambiental, ou para o universo amazônico. A BDIJAm tem como meta sistematizar e monitorar, com recursos tecnológicos, as informações veiculadas na imprensa sobre questões científicas, ambientais e sociais na Amazônia, como forma de preservar a memória nacional, criar uma nova fonte para pesquisas e facilitar o acesso de usuários à agenda nacional de discussões e debates políticos.



Econômica dos Recursos Naturais (17 textos), a Devastação do Meio Ambiente (16 textos), a Política de Ciência e Tecnologia (10 textos) e a Geopolítica (6 textos).

O resultado revela a complexidade do conceito, que é noticiado, na imprensa escrita, a partir de uma diversidade de temas, que valorizam tanto aspectos científicos e biológicos, quanto políticos e econômicos. De fato, o estudo mostra que além de questões de ordem ambiental e científica, como a pesquisa, proteção e devastação do meio ambiente, questões de ordem econômica e geopolítica também interferem de forma significativa na cobertura jornalística sobre a Biodiversidade.

Nesse contexto, aspectos contraditórios como a proteção do meio ambiente e a exploração econômica dos recursos naturais aparecem, no noticiário, de forma combinada, como argumentos nas vozes dos atores, como revela mais adiante a análise dos discursos.

Se em algum momento se pensou possível que a cobertura fosse centrada no conceito de Biodiversidade de forma isolada, restrita apenas a questões científicas, biológicas e de preservação, a análise revela a complexidade das discussões que, necessariamente, envolvem a política e a economia. A leitura dos textos jornalísticos confirma nesse início de milênio, que, além de seu caráter biológico e científico, a Biodiversidade tem peso econômico e político nada desprezível. Tal evidência se confirma na análise empreendida sobre os discursos.

Um aspecto analisado se refere também às temáticas ausentes ou silenciadas. Mauro Wolf (1985. p.136) observa a existência, nos meios de comunicação, de uma agenda-*setting* por omissão, caracterizada pela “não-cobertura de certos temas” ou ainda pela “cobertura intencionalmente modesta ou marginalizada que alguns assuntos recebem”. Segundo o autor:

Este tipo de agenda-*setting* funciona, certamente, para todos os *mass media*, para lá das diferenças técnicas, jornalísticas, de linguagem, pelo simples fato de o acesso a fontes alternativas àquelas que garantem o fornecimento constante de notícias, ser bastante difícil e oneroso.

Além das questões de ordem financeira, podemos citar ainda outros fatores que contribuem para o efeito de Agenda-*setting* por omissão. Dentre elas, a dificuldade de acesso às fontes, à notícia ou ao local onde ela esteja ocorrendo, principalmente em uma região de grandes dimensões e de difícil acesso como a Amazônia. Os interesses políticos e econômicos dos donos dos grandes veículos de comunicação de massa da região, que monopolizam o acesso e a distribuição da notícia, compõem outro desses fatores de dificuldades⁶.

De fato, a seleção dos temas que são ou podem ser abordados na cobertura sobre a Biodiversidade recebe influência dos atores sociais com maior poder econômico e político, atores estes que também possuem

⁶ Interesses de lideranças políticas e empresariais locais que, em uma região de fronteira como a Amazônia, interferem diretamente na produção das notícias e na censura de temas e assuntos que lhes desagradem ou que vão de encontro aos seus interesses, concluem um quadro complexo refletido na cobertura sobre a Biodiversidade.



maior acesso aos veículos de comunicação de massa do que a sociedade civil e outros grupos ligados diretamente a este tema, mas que muitas vezes são esquecidos ou silenciados, como revela a próxima etapa deste estudo.

Atores Sociais

Se a análise dos principais temas abordados durante a cobertura jornalística sobre a Biodiversidade está vinculada ao processo de seleção dos acontecimentos noticiáveis e aos fatores que definem a notícia, o estudo de identificação dos atores sociais mais atuantes na construção da imagem midiática desse conceito está relacionado a uma outra importante etapa da produção de notícias: a seleção, hierarquização e utilização de "*fontes*" de informação, como suporte na elaboração dos textos jornalísticos.

De acordo com o Rabaça e Barbosa (1987, p. 275), o conceito de "*fonte*", no meio jornalístico, está relacionado à procedência da notícia e inclui "todos os documentos e pessoas de onde um autor de trabalho jornalístico, literário ou artístico extraiu informações para sua obra". Ainda segundo os autores, "*fonte*", em princípio, "é qualquer pessoa usada por um repórter na sua busca de informação". Também para a estudiosa da Ciência da Comunicação, Cremilda Medina (1988, p. 107) as "*fontes*" podem ser definidas como: "os tipos humanos do fato narrado".

Na cobertura jornalística sobre a Biodiversidade, a pesquisa identificou, nos textos em análise, cerca de 117 indivíduos entrevistados, que foram classificados em 15 categorias de atores sociais, de acordo com a atividade profissional ou o papel que exercem na sociedade. Para efeito de análise, além dos entrevistados, também foram incluídos como atores sociais os autores de artigos publicados no período estudado.

Os gestores públicos são os atores sociais que mais se destacaram numericamente durante a cobertura em estudo, representando 31% entrevistados. Tal resultado aponta essa categoria como a "*fonte*" mais utilizada pelos jornalistas na abordagem dos temas relacionados à Biodiversidade, o que corrobora com estudos prévios que encontraram registros semelhantes⁷.

⁷ Ver também:

BELTRÃO, J. F. 1997. **Justainable Development Issues in the Brazilian Amazon Press**. 1990-1994. Inglaterra: Leicester University.

BELTRÃO, Jimena Felipe. **Ciência e Sociedade: Comunicação e Educação para a Preservação Ambiental e Cultural na Amazônia Oriental Brasileira**. Trabalho apresentado na Jornada de Psicologia Social: Cultura e Sociabilidade Contemporânea, realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), em março de 2005 a.

BELTRÃO, Jimena Felipe. **Ciência e Sociedade: Representações do conceito de fronteira amazônica na Imprensa**. Trabalho apresentado no XII Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste – CISO, realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA), em abril de 2005 b.

DUNWOODY, S. and Griffin, R.L. Journalistic strategies for reporting long-term environmental issues: a case study of three Superfund sites. In A. Hansen (ed.) **The mass media and environmental issues**. Leicester: Leicester University Press, 1993.

OLIVEIRA, Fábola I. **Jornalismo científico e a Amazônia: Estudo de quatro jornais brasileiros**. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

REIS, Raul. **Environmental news: Coverage of the United Nations Conference on Environment and Development by Brazilian newspapers**. Kansas State University, Kansas.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo, Anna Blume/FAPESP, 1996.



Uma análise mais apurada da participação dessa categoria na cobertura da imprensa revela que os funcionários e representantes de órgãos e instituições públicas ligadas aos Ministérios do Meio Ambiente e da Ciência e Tecnologia são as “fontes” mais requisitadas pela imprensa escrita na obtenção de informações sobre os assuntos ligados à Biodiversidade. Já os representantes de universidades públicas tiveram uma participação reduzida no debate público sobre o tema.

As organizações não-governamentais (ONGs), com 27% dos entrevistados, e os pesquisadores, com 15%, também formam outras categorias sociais com atuação marcante no noticiário sobre a Biodiversidade. Tal resultado revela consolidação das ONGs como fontes de informação para a imprensa.

A análise dos textos jornalísticos mostra que as ONGs foram responsáveis por cerca de 94% das entrevistas concedidas pelos membros da Esfera Civil. Isto revela que, apesar da sociedade civil ser constituída por uma considerável diversidade de grupos e movimentos sociais, apenas as ONGs obtêm espaço na cobertura jornalística sobre a Biodiversidade. Representantes de populações tradicionais, como os povos indígenas, os ribeirinhos, quilombolas, que interagem diretamente com os recursos naturais da Amazônia, e dependem deles para sobreviver, são excluídos do debate que se estabelece nas páginas dos jornais. Nenhum membro ou representante dessas populações foi entrevistado pelos jornalistas, dentro do universo de 94 textos em estudo.

Além de terem sido excluídas como “fontes” de informação pela mídia, as populações tradicionais participam do noticiário apenas para dar suporte a argumentações e justificativas de outros atores, sendo citadas, dessa forma, em várias matérias. Já os movimentos sociais não são sequer citados nas matérias, como se sua atuação, no cenário amazônico, não existisse.

Discursos

Para Foucault (2004, p.10), o discurso não traduz apenas os sentimentos de desejo e de poder que alimentam as disputas e os sistemas de dominação. O discurso representa o próprio objeto do desejo, “o poder do qual nós queremos apoderar”. Tendo por base o conceito de discurso defendido por Foucault, identificamos duas grandes vertentes discursivas predominantes nos textos jornalísticos sobre Biodiversidade. A primeira vertente está vinculada às disputas pela exploração econômica da biodiversidade e a segunda pela gestão dos recursos naturais na Amazônia.

A análise dos textos jornalísticos revela que a disputa, de diferentes atores sociais, pela exploração econômica da Biodiversidade é uma questão que predomina na cobertura realizada no período de 2000 a 2003. O que é bastante natural, se levarmos em conta o universo estudado, a Amazônia, uma das últimas fronteiras econômicas do país e, por que não dizer, do mundo. O mesmo ocorre com a gestão dos recursos naturais, objeto de discussão em várias matérias publicadas no período.



A primeira e mais importante vertente discursiva identificada no estudo está relacionada à exploração econômica da Biodiversidade. A vertente é composta por três grandes discursos, a saber:

- O Discurso de Legitimação do Acesso à Biodiversidade;
- O Discurso em Defesa da Exploração Econômica da Biodiversidade; e
- O Discurso do Repartimento dos Benefícios.

Esses e outros discursos se repetem várias vezes nos textos jornalísticos analisados no período de 2000 a 2003, sempre com o mesmo objetivo: legitimar a exploração econômica da biodiversidade. Alguns de forma mais explícita, outros de forma mais velada.

O Discurso de Legitimação do Acesso à Biodiversidade caracteriza-se principalmente pela ação de legisladores, com suas leis de acesso à Biodiversidade, calcadas no princípio da proteção do meio ambiente. Neste caso, o conhecimento da biodiversidade e do seu valor econômico é utilizado para legitimar sua exploração, deixando claro o interesse de diversos atores em se apropriar de seus benefícios, como empresários, pesquisadores, legisladores, gestores públicos e até ambientalistas.

Além de legalizar juridicamente a exploração econômica dos recursos naturais, a norma jurídica tem ainda a função primordial de controlar, disciplinar o acesso aos recursos naturais brasileiros. A ideia de um maior controle sobre os recursos naturais, de sua utilização disciplinada através de leis, é um dos principais argumentos desse discurso como mostra o pesquisador do Museu Goeldi, Samuel Almeida, que em matéria publicada em *O Liberal* (Internacionalização da ... 2000, p.7) afirma que “o Brasil tem que ter meios de controle sobre seus recursos naturais”. A matéria afirma ainda que, para o pesquisador, a Lei de Acesso a Biodiversidade teria como objetivo “disciplinar o uso de recursos naturais”, contrariando assim diretamente os objetivos das indústrias que “não tem preocupação ecológica”.

Já o *Discurso em Defesa da Exploração Econômica da Biodiversidade* é contraditório na origem, pois envolve conceitos díspares como desenvolvimento econômico, sustentabilidade, conservação e tecnologia. Vários argumentos são apresentados conciliando, conservação e desenvolvimento; sustentabilidade e tecnologia; etc. Neste contexto, o desenvolvimento sustentável é tido como o grande desafio para a Amazônia, e a pesquisa científica surge ora contribuindo para a formulação de políticas públicas, ora atendendo aos interesses comerciais do setor privado. É um discurso que defende ainda altos investimentos em tecnologia, no qual a biotecnologia é a estrela principal.

A necessidade de legitimar a utilização da Biodiversidade, sua exploração econômica, é uma constante no discurso de diferentes atores sociais. No entanto, os argumentos não são uniformes, pois apresentam diferentes nuances, dependendo dos interesses e atores envolvidos. Dessa forma, o desejo de legitimar o uso econômico da Biodiversidade surge, no cenário amazônico, de várias formas, ora através de um discurso de valorização da biodiversidade, ora através de um discurso em defesa da utilização ordenada dos recursos naturais, por exemplo.



Uma característica marcante desse discurso é a utilização de argumentos que defendem o uso “ordenado”, “racional”, “disciplinado” e/ou “sustentável” da Biodiversidade. Esses argumentos trabalham com a hipótese de que é perfeitamente possível explorar economicamente os recursos naturais, em especial da Amazônia, com baixo impacto ambiental, desde que certas normas e limites sejam respeitados. Além disso, a exploração econômica ordenada da Biodiversidade é apontada, muitas vezes, como a grande solução para os problemas mundiais, como afirma o professor Álvaro Fernando de Almeida, da USP, em matéria publicada em *O Liberal* (“ONU vai ... 2000, p.10). A matéria ressalta que, na opinião do especialista, “a utilização ordenada da biodiversidade é a única saída para enfrentar os problemas que o mundo deve passar, quando, muito provavelmente, a população mundial será de 12 bilhões de pessoas no ano de 2040”.

No discurso em defesa da exploração da Biodiversidade surgem argumentos relativos ao desenvolvimento econômico da região amazônica e do país, onde a sustentabilidade surge como uma estratégia ideológica para adequar o paradigma da conservação da Biodiversidade ao desafio do desenvolvimento econômico. Aqui ocorre uma imbricação dos conceitos de Biodiversidade e de Desenvolvimento Sustentável que aponta para um processo sócio-econômico ecologicamente sustentável e socialmente justo.

Nos textos jornalísticos analisados, a sustentabilidade é apresentada, pelos atores entrevistados, como uma estratégia para melhoria das condições de vida das populações pobres. A idéia é defendida, por exemplo, pelo sociólogo Mariano Klautau, em matéria também publicada em *O Liberal* (Amapá dá ... 2000, p.8). Na matéria, “a auto-sustentabilidade da Amazônia é defendida por Mariano como a principal estratégia para garantir melhores condições de vida para o homem da região e para mudar o curso da história que há muito tempo tem o mesmo sentido”. Ainda segundo o texto jornalístico, “a auto-sustentabilidade, como uma forma de gerar riquezas, sem deteriorar o patrimônio natural, tem sido uma de suas metas de trabalho”.

Outra característica do discurso em defesa da exploração é a argumentação favorável aos altos investimentos em tecnologia, principalmente nas áreas da pesquisa e da industrial, visando uma eficiente utilização dos recursos da Biodiversidade, como revela uma matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* (Novo centro ... 2001, p. 8) sobre a importância da implantação do Centro de Biotecnologia da Amazônia (CBA), planejado para ser uma das mais avançadas instituições de pesquisa do país. Na matéria, o Secretário de Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, Sérgio Braga, afirma que o CBA é a resposta mais efetiva do governo às iniciativas, muitas



vezes fracassadas, de desenvolvimento da Amazônia. “A criação de um centro de tecnologia na Amazônia vai funcionar como uma âncora, em torno do qual será construído um pólo tecnológico”.

O discurso apresenta ainda uma linha de argumentação que defende a implantação de um novo modelo econômico para a Amazônia, chamado de Desenvolvimento da Biodiversidade da Amazônia. O modelo é defendido pelo ex-ministro do Desenvolvimento, João Paulo dos Reis Velloso, em uma matéria da *Gazeta Mercantil* (Fórum Nacional... 2001, p.4), onde afirma que “a única forma de dar densidade econômica à região é o desenvolvimento da biodiversidade”.

Também calcado na exploração econômica da Biodiversidade, o *Discurso do Repartimento dos Benefícios*, por princípio, existe para defender os interesses das populações tradicionais da Amazônia. Na prática, porém, tem servido para justificar a legitimação de grandes projetos de pesquisa e de exploração econômica na Amazônia, sendo utilizado principalmente por empresários, pesquisadores e gestores públicos.

Já as populações tradicionais são apenas citadas nos textos, como beneficiárias de algo que deveria acontecer, mas que, na prática, ainda ocorre com pouca frequência, como revela a fala da deputada estadual do Amapá, Janete Capiberibe, em matéria publicada em *O Liberal* (Lei sobre... 2000, p.8). Na matéria, a legisladora afirma que:

“A lei estadual de acesso à biodiversidade pretende assegurar às comunidades indígenas o direito da autoria dos conhecimentos que elas detém sobre as riquezas naturais. Quando uma indústria utilizar a biodiversidade, com base neste conhecimento popular, estas comunidades devem ter participação nos lucros”.

O discurso é utilizado, por exemplo, por gestores públicos, como o então Ministro do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, que em uma matéria publicada na *Folha de S. Paulo* (Brasil quer... 2002, p. 15), afirma que “é preciso que o país e as comunidades locais de onde são retiradas tenham participação nesse lucro”.

A *gestão dos recursos naturais* é objeto de outra importante vertente discursiva presente na cobertura jornalística em estudo. A vertente é constituída por um discurso composto por três posições distintas relacionadas à gestão pública da Biodiversidade. A primeira expressa principalmente a opinião de pesquisadores e ambientalistas e denuncia a má gestão dos recursos naturais pelo poder público, como revela a crítica feita pelo ecologista Camilo Viana, presidente da ONG Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais da Amazônia (SOPREN). Em matéria publicada em *O Liberal* (Camilo Viana... 2000, p.10), o ambientalista afirma que “a má administração dos recursos naturais da Amazônia não é uma



questão de descuido do governo brasileiro, como julgam alguns estudiosos, é muito mais uma atitude de conveniência por parte deste governo com os exploradores da nossa biodiversidade”.

A segunda defende as ações do poder público no âmbito da proteção do meio ambiente. Neste caso, é o próprio poder público quem defende explicitamente suas ações de proteção do meio ambiente, caracterizando-as como "avançadas". É um discurso que ganha destaque durante a cobertura jornalística da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, ocorrida em 2002, e tem como ator principal o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, como mostra outra matéria publicada em *O Liberal* (FHC diz... 2002, p.7):

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que o país vai chegar com “moral alto” a Johannesburgo, na África do Sul, onde começará no dia 26 a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 10. O motivo, segundo ele, são os avanços do Brasil na adoção de medidas de proteção ao meio ambiente. Fernando Henrique disse que o Brasil conseguiu reduzir em 13% a taxa de desmatamento da Amazônia e que esse avanço é ainda mais significativo num país “em desenvolvimento e cheio de dificuldades como o Brasil”.

Já a terceira linha de argumentação desse discurso defende a integração entre governos, pesquisadores, empresários e sociedade civil, visando uma gestão compartilhada, democrática, e não apenas unilateral, dos recursos naturais brasileiros. É um discurso que revela principalmente o interesse e o desejo da sociedade civil, que surge nas vozes de pesquisadores e ambientalistas, como releva o diretor executivo do Funbio, Pedro Leitão, durante uma entrevista concedida a Revista *Super Interessante* (Biodiversidade: berço... 2001). Na matéria, ele afirma que “existe interesse da sociedade brasileira, e mesmo do empresariado, em contribuir para a conservação da Biodiversidade”.

Conclusões

A identificação de diversidade de temas, atores e discursos é o principal resultado da análise da cobertura jornalística sobre a Biodiversidade na Amazônia, no período de 2000 a 2003.

A Proteção do Meio Ambiente e a Pesquisa Científica são os temas que mais se destacaram dentro do universo de 94 textos jornalísticos. O estudo identifica ainda outros importantes temas que pautaram a cobertura sobre a Biodiversidade, como a Exploração Econômica dos Recursos Naturais, a Devastação do Meio Ambiente, a Política de Ciência & Tecnologia e a Geopolítica.

A existência de duas vertentes discursivas: a primeira, voltada para legitimar a exploração econômica da Biodiversidade e, a segunda, relacionada à gestão dos recursos naturais, é outro resultado da pesquisa que revela a construção simbólica do conceito de Biodiversidade.



A diversidade de temas e discursos identificados revela que, além de assuntos e interesses de ordem ambiental e científica, a Biodiversidade desperta também conflitos e debates de ordem econômica e geopolítica, o que interfere, de forma significativa, na cobertura jornalística sobre a temática. Dessa forma, o jornalista deve ter capacidade para reportar, de forma crítica, no texto, diferentes aspectos ligados a um único tema – a Biodiversidade - o que nem sempre acontece.

Tal resultado expõe também um cenário onde a cobertura jornalística se presta mais para escamotear as reais intenções econômicas e políticas dos diferentes atores que disputam o direito pela exploração e gestão da Biodiversidade na Amazônia, do que para revelá-las ao público.

Com relação aos Atores Sociais, o estudo evidencia a atuação dos gestores públicos, das organizações não-governamentais e dos pesquisadores como importantes “fontes” de informação sobre a Biodiversidade e, conseqüentemente, como protagonistas dos discursos predominantes durante a cobertura.

A pesquisa revela ainda a predominância das Organizações Não-Governamentais sobre os outros integrantes da Esfera Civil e a exclusão das Populações Tradicionais e dos Movimentos Sociais da cobertura jornalística realizada no período em estudo.

Referências Bibliográficas

ALVAREZ, Sonia E.; ESCOBAR, Arturo; DAGNINO, Evelina. **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos: Novas Leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

BELTRÃO, J. F. **Justainable Development Issues in the Brazilian Amazon Press. 1990-1994**. Inglaterra: Leicester University, 1997.

BELTRÃO, Jimena Felipe. **Ciência e Sociedade: Comunicação e Educação para a Preservação Ambiental e Cultural na Amazônia Oriental Brasileira**. Trabalho apresentado na Jornada de Psicologia Social: Cultura e Sociabilidade Contemporânea, realizada na Universidade Federal do Pará (UFPA), em março de 2005 a.

BELTRÃO, Jimena Felipe. **Ciência e Sociedade: Representações do conceito de fronteira amazônica na Imprensa**. Trabalho apresentado no XII Encontro de Ciências Sociais Norte e Nordeste – CISO, realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA), em abril de 2005 b.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7ª Edição. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

DUNWOODY, S. and GRIFFIN, R.L. Journalistic strategies for reporting long-term environmental issues: a case study of three Superfund sites. In A. Hansen (ed.) **The mass media and environmental issues**. Leicester: Leicester University Press, 1993

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.



FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Leituras Filosóficas. 10ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Coleção Epistemologia e Pensamento Contemporâneo. Lisboa: Editora Vozes, 1972

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1974.

GASTON, Kevin J. **Biodiversity – A Biology of Numbers and Difference**. EUA: Blackwell Science, 1996.

GROSS, Tony; JOHNSTON, Sam; BARBER, Charles Victor. **A Convenção sobre Diversidade Biológica: Entendendo e Influenciando o Processo**. Um Guia para Entender e Participar Efetivamente da Oitava Reunião da Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP-8). Instituto de Estudos Avançados da Universidade das Nações Unidas. Equador Initiative: 2005.

LEWINSOHN, Thomas Michael; PRADO, Paulo Inácio. **Biodiversidade Brasileira: Síntese do Estado Atual do Conhecimento**. São Paulo: Contexto, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, Um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. 2ª Edição. São Paulo: Summus, 1988.

OLIVEIRA, Fabíola I. **Jornalismo científico e a Amazônia: Estudo de quatro jornais brasileiros**. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

POLÍTICA Nacional de Biodiversidade: Roteiro de Consulta para Elaboração de uma Proposta. Brasília: MMA/SBF, 2000.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1987.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: Anna Blume/FAPESP, 1996.

REIS, Raul. **Environmental news: Coverage of the United Nations Conference on Environment and Development by Brazilian newspapers**. Kansas State University, Kansas.

REVISTA **Ciência e Cultura** – Temas e Tendências: Biodiversidade – Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ano 55, número 3, Julho, Agosto e Setembro de 2003.

SANTOS, Rogério. **A Negociação entre Jornalistas e Fontes**. Coleção Comunicação. Coimbra: Editora Minerva.

SCHÜLER, Donald. **Origens do Discurso Democrático**. Coleção L&PM POCKET. Porto Alegre: L&PM, 2002.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 4ª Edição. Portugal: Editora Presença, 1995.

Relação das Matérias Citadas no Artigo

INTERNACIONALIZAÇÃO da Amazônia em debate. O Liberal, 26 jan. 2000. Matéria. Caderno Atualidades, p 7.



“ONU vai tirar Amazônia do Brasil”, diz professor da USP. O Liberal, 23 jan. 2000. Matéria. Caderno Atualidade, p. 10.

AMAPÁ dá exemplo de como evitar internacionalização. O Liberal, 29 jan. 2000. Matéria. Caderno Cidades, p. 8.

CAMILO Viana denuncia exploração da Amazônia. O Liberal, 27 jan. 2000. Matéria. Caderno Atualidades, p. 10.

LEI sobre biodiversidade vai garantir regras mais claras. O Liberal, 4 fev. 2000. Matéria. Caderno Atualidades, p. 8.

NOVO centro vai estudar Amazônia Biodiversidade. Folha de São Paulo, 19 set. 2001. Matéria. Caderno Folha Ciência, p. 8.

FORÚM Nacional discute negócios na Amazônia. Gazeta Mercantil, 18 set. 2001. Matéria. Caderno Empresas & Carreiras, p. 4.

BIODIVERSIDADE: Berço Esplêndido. Revista Superinteressante, dez. 2001. Matéria. Caderno Especial Ecológica.

FHC diz que o País chegará à cúpula com “moral alto”. O Liberal, 14 ago. 2002. Matéria. Caderno Cidades, p. 7.

BRASIL quer impedir recuos, diz ministro. Folha de S. Paulo, 24 ago. 2002. Matéria. Caderno Ciência, p.15.